

ambiente

Pós-naturalistas do século 21

O que Buffon e Yanomami podem ensinar a Bolsonaro sobre dignidade e beleza

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Pisconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

Dois livros extraordinários sobre o mundo natural, muito diferentes e ainda assim irmanados, chegaram às mãos de brasileiros. Quase três séculos separaram os projetos iluministas que lhes deram origem, mas seu encontro neste escuro 2021 emite centelha que convém atizar. O primeiro é "História Natural", de Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788). Extratos dos 36 volumes publicados a partir de 1749 foram reunidos nas 758 páginas desta edição primorosa da Unesp, organizada e traduzida por

Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. O título completo é "História Natural, Geral e Particular, com a Descrição do Gabinete do Rei". Começou como catálogo da coleção de Luís 15 e se tornou uma enciclopédia do conhecimento até então acumulado sobre a natureza. Lê-se como declaração de amor ao trabalho metódico do naturalista: "É preciso uma espécie de força, própria do gênio, e certa coragem de espírito para contemplar, sem se deixar

levar pelo espanto, a inumerável multidão de produções da Natureza, e ser capaz de compreendê-las e compará-las". "Pode-se dizer que o amor pelo estudo da Natureza presuppõe no espírito duas qualidades que parecem opostas: as grandes visões de um gênio ardente, que tudo abarca com um só golpe de vista, e a atenção minuciosa de um instinto laborioso, que se detém em um único ponto." O período ideal para aguçar tal paixão vem com a mocidade. "Os jovens (...) devem ser

guiados e aconselhados; deve-se mesmo encorajá-los com o que houver de mais instigante na ciência, fazendo que notem as coisas mais singulares sem, no entanto, explicá-las em detalhe", receita o conde. "Nessa idade, o mistério excita a curiosidade, enquanto na idade adulta inspira apenas o desgosto." Esse desgosto constitui a parte essencial da personalidade de carcomida e funérea de Jair Bolsonaro. De outra maneira, como entender seu desprezo devastador pela educação,

pela ciência, pela natureza? O presidente deplora povos indígenas, mas poderia aprender sobre sabedoria e autonomia com os parentes de Davi Kopenawa. Deveria começar folheando o segundo livro extraordinário desta coluna: "Puu Naká Thã Oni - O Conhecimento Yanomami sobre Abelhas". É o novo volume da série Saberes da Floresta, da Hutukara Associação Yanomami e do Instituto Socioambiental. Neste caso, a reunião do conhecimento de anciãos e xamãs com a pesquisa metódica de naturalistas indígenas sobre a vida de 32 espécies desses insetos — tão úteis e ameaçados alhures — na região de Toototobi (RR). Moças e moços com os pés no século 21, não no marco temporal à moda de 1964 em que se estiola Bolsonaro. Ameaçados de genocídio pelo assédio de garimpeiros tidos como he-

róis pelo presidente, constroem um pós-naturalismo que concilia o gênio ardente do conhecimento xamânico com o método apaixonante de Buffon. Algumas palavras mais para apagar por instantes da memória o governo infame que nos envergonha. Fiquemos com as páginas dedicadas ao conde por Buffon, tão comovesos ao captar uma dignidade que suplanta a de certos humanos: "... sua afeição é mais fiel e mais constante que a dele; é desprovido de ambição, interesse, sede de vingança, e não tem medo, exceto pelo de desagradar; é feito de zelo, ardor e obediência, mais sensível à lembrança de recompensas que à de castigos, não se abate com maus-tratos, suporta-os, esquece-os, ou, se se lembra deles, é para se tornar mais fiel". Quanto mais conheço de Bolsonaro, mais eu gosto de Tita, Coca, Lola, Pumba e Rufus.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite | **QUA.** Atíla Iamarino, Esper Kallás



O seringueiro Raimundão, primo de Chico Mendes, chegou a ser internado com Covid Ramon Aquino

Acre sofre com poluição acima dos limites seguros para a saúde humana

Problema, gerado principalmente pelas queimadas, agrava a situação do estado na pandemia

Leandro Chaves

INFOAMAZONIA. O problema da poluição atmosférica no Acre é o mais bem documentado de toda a região Amazônica. O principal motivo é um projeto de monitoramento da qualidade do ar, criado por cientistas da Universidade Federal do Acre (Ufac), que culminou com a instalação de pelo menos um sensor portátil em cada município do estado, inclusive na histórica Xapuri. Local onde a vida do líder extrativista Raimundão Mendes de Barros, de 77 anos, primo do seringueiro e ambientalista Chico Mendes, nunca mais foi a mesma após a Covid. O vírus chegou às matas de Xapuri em meados do ano passado. Raimundão, como é conhecido, foi diagnosticado com a doença em setembro. De lá pra cá, o combativo seringueiro, que sobreviveu aos turbulentos anos 70 e 80, quando explodiram no Acre os conflitos entre fazendeiros e trabalhadores rurais, foi ficando cada vez mais abatido.

As idas ao roçado e às estradas de seringa que Raimundão tem em sua colocação, situada na Reserva Extrativista Chico Mendes, zona rural de Xapuri, já não são como antes. A cada 500 metros, ele precisa sentar para recuperar o fôlego. Além disso, câmboras nas pernas e braços têm virado rotina. "As vezes vou pro matto cortar ou caçar e quando passo da hora os meninos e a companhia ficam preocupados. À noite, quando me deito, estou enfadado. É uma sonharia e um treslouco! Nem toco que eu só falta gritar com essas câmboras. Não grito porque me faço de forte. Mas a verdade é que eu tenho me sentido cada dia mais delicado. A impressão é que a minha vida está por um risco", disse o idoso, que após Covid-19 descobriu um nódulo no pulmão. Raimundão protagonizou, ao lado de Chico, os movimentos em defesa do meio ambiente e dos trabalhadores das florestas da região do Alto Acre, sendo, portanto, uma lenda viva da história recente do es-

tado. Assim como o primo, foi jurado de morte, porém conseguiu escapar e passou a viver pelo legado de Mendes. Décadas atrás, nosseringais, era comum os rapazes começarem a fumar muito cedo. Raimundão acendeu o primeiro cigarro com oito anos de idade. As mais de cinco décadas de tabagismo deixaram cicatrizes na saúde do velho seringueiro, o que pode ter contribuído para o agravamento do seu quadro de Covid-19 e para as sequelas. Pesa ainda contra o bem estar do extrativista o fato de ele morar no epicentro das queimadas entre as áreas protegidas do Acre. De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), no ano passado, durante a temporada do fogo, que vai de julho a outubro, a Resex Chico Mendes concentrou mais de 70% das queimadas entre as unidades de conservação federais situadas no estado, com 4,243 focos de calor, segundo o satélite S-NPP/VIIRS (da Nasa). Em setembro, quando Raimundão recebeu

o diagnóstico de Covid-19, Xapuri foi tomada pela fumaça. Dos 30 dias daquele mês, 26 tiveram registro de poluição do ar acima do aceitável, com base em critérios da Organização Mundial de Saúde (OMS). O município ficou atrás apenas da capital, Rio Branco, que teve 27 dias de setembro com concentração de material particulado a níveis danosos ao organismo humano. Acrelândia e Bujari também tiveram 26 dias acima dos padrões. Em Xapuri, o aumento da quantidade de micropartículas está relacionado com o crescimento, em setembro, de 94% das internações por síndrome respiratória aguda grave, a SRAG, e de 68% pela Covid-19, segundo a análise do InfoAmazonia. Durante todo o período do fogo, quando o município teve uma média de 12,3 dias por mês com níveis de poluição acima do recomendado, o incremento nas internações por SRAG e pelo novo coronavírus foi de 37% e 28%, respectivamente. Raimundão não tem dúvi-

das de que a fumaça prejudicou ainda mais sua saúde. "Todos os anos durante o fumaço eu fico mal. Tinha dias em que eu só faltava morrer sufocado. Chego até a buscar atendimento médico para aliviar esse sufoco". A Resex Chico Mendes e o seu entorno há anos sofrem pressões, como desmatamento, queimadas, ocupação ilegal da terra e criação de gado além do permitido no plano de uso. Segundo Raimundão, que já foi assessor para assuntos rurais do governo do Acre, essas práticas são as maiores responsáveis pela poluição que castiga os moradores das zonas rural e urbana. "Penso que parte dessas doenças que afetam a população em parte tem a ver com essa discussão das nossas florestas, com a queima e o desmatamento. Isso sem dúvida nenhuma coloca em risco a saúde da nossa população". Ele destaca o interesse de pessoas de fora da reserva pelas terras para criação de gado. "Agora começou a vir um pes-

soal de Rondônia que está fazendo uma verdadeira esculhambação. Esse pessoal vende 40 hectares de terra lá por R\$ 10 mil, cada, e quando chega aqui compra até 200 hectares a um preço de R\$ 1,500 a R\$ 2.000 por hectare. Então as pessoas daqui estão se ludindo. Estão cortando a colocação para vender e aí fazem aqui o desmatamento exagerado e o fogo que prejudica a saúde da gente".

A doutora em ciências florestais pela Ufac Sonaira Silva também defende a ideia de que as derrubadas estão intimamente ligadas à poluição do ar não só na Resex Chico Mendes como em toda a Amazônia. A pesquisadora, que foi também consultora científica das análises do InfoAmazonia, explica que a maioria dos desmatamentos na região ocorre para abertura de áreas para produção, mas também cita a especulação de terras como causa. Ela ressalta, porém, que são os médios e grandes produtores, e não a agricultura familiar, que provocam os maiores impactos.

"Os responsáveis pela maior parte do desmatamento na Amazônia são os grandes produtores. Eles que fazem a maior poluição. No Acre, por exemplo, derrubadas superiores a 10 hectares representam mais ou menos 60% do total". Silva observa ainda que no estado cerca de 40% das queimadas ocorrem em áreas recém-desmatadas, enquanto o restante é para renovação de terras já utilizadas.

Sonaira é uma das coordenadoras do time que utiliza sensores portáteis para tentar entender a relação entre o fogo e a pressão que ele causa sobre a saúde da população. Em todo o estado, os dados relacionados ao material particulado presente no ar são medidos diariamente por 33 equipamentos, pelo menos um em cada município. A maior rede de monitoramento desse tipo na Amazônia é conectada à internet e faz medição das impurezas a cada 80 segundos.

A análise dos dados é feita pelo Laboratório de Geoprocessamento Aplicado ao Meio Ambiente, o LabGama, criada por Sonaira e outros pesquisadores da Ufac. O grupo coordena, em parceria com o Ministério Público, universidades e municípios, a Rede de Monitoramento da Qualidade do Ar do Acre, que possui um site onde é possível ver as medições nos municípios em tempo real. Esses sensores ajudam a validar os dados da análise do InfoAmazonia, permitindo comparar os valores medidos localmente com os detectados pelos satélites.

Esta reportagem faz parte do "Engolido Fumaça", projeto especial do InfoAmazonia produzido com apoio da bolsa de jornalismo John S. Knight e do programa Big Local News da Universidade Stanford